



O GÊNERO CHARGE COMO INSTRUMENTO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA ESCOLA PÚBLICA

BARBOSA, Jailma do Ramo

Universidade Estadual da Paraíba

(jailmabarbosa_20@hotmail.com)

Resumo:

Em nossas aulas de língua materna, sempre procuramos utilizar gêneros textuais, com a finalidade de endossar e tornar mais interessante o conteúdo estudado, mas não podemos esquecer que nossos alunos estão inseridos em um meio social, onde circulam diversos gêneros e que estes devem estar próximos e adequados a realidade dos discentes, tendo isso em vista, vimos à necessidade de estudarmos e aplicarmos em sala de aula o gênero charge . Tendo, como principal objetivo analisar e discutir as influências desse gênero na formação de leitores e cidadãos críticos atuantes na sociedade. Para tanto elaboramos uma sequência didática composta de dez aulas com cinco encontros em três turmas de 8º ano do ensino fundamental numa escola pública da cidade de Aroeiras-PB. Nossa pesquisa baseia-se nos postulados teóricos: Schneuwly e Dolz, como também no uso dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Língua Portuguesa (PCN, 2000;) Por concebermos que o ensino de leitura crítico e significativo deve retirar do aluno aquilo que ele sabe, acrescentando a este conhecimento, o gênero Charge, por está diretamente ligado a fatos cotidianos, tornam-se uma forma de lançar mão dos conhecimentos acerca da criticidade com relação ao que leem, que eles já possuem, mas que por muitas vezes não desenvolvem em sua formação escolar, na maioria das vezes por não serem estimulados a isso, somando-os aos que utilizam desde sempre, mas que eles desconheciam a existência.

Palavras-chave: Estudo de gênero. Leitura crítica. Ensino de Língua.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1 Introdução

Procuramos utilizar nas aulas de língua materna gêneros textuais com a finalidade de endossar e tornar mais funcional o conteúdo estudado, não esquecendo que nossos alunos estão inseridos em um meio social em que circulam gêneros próximos de suas realidades, por concebermos que o ensino de leitura, crítico-reflexivo, deve ser pautado naquilo que o aluno domina socioculturalmente.

Escolhemos o gênero charge, pois este contempla tanto a linguagem visual quanto a linguagem verbal. Além de ser riquíssimo em sentidos, despertam o gosto pela leitura, além de tratam de temas atuais com certa dose de humor e crítica. Dessa forma, exigem um conhecimento linguístico e de mundo maior para que, de fato, ocorra a construção de sentido. Para tanto, devem ser trabalhados todos os seus aspectos textuais e discursivos, permitindo, assim, que os alunos compreendam o texto.

Dessa forma partimos da seguinte problemática o uso do gênero textual/discursivo Charge pode auxiliar o ensino de leitura numa perspectiva crítica? Para responder a esse problema temos como objetivos analisar e discutir as influências do gênero, charge para a formação de leitores críticos na escola e na sociedade.

Mediante os objetivos propostos, elaboramos uma sequência didática composta de dez aulas (cinco encontros) aplicada em três turmas do 8º ano Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Aroeiras PB.

Nosso estudo se configura pesquisa ação , de caráter exploratório , já que fizemos uma pesquisa de campo que foi formulada e aplicada em sala de aula com o propósito de obtermos a comprovação dos objetivos propostos.





Para fundamentar nosso trabalho utilizamos Grupo de pesquisadores de Genebra (Schneuwly & Dolz) PCN (2000) Marcuschi (2008) Soares(2010), Bakhtin(2003) entre outros, os quais corroboram para um ensino sociointeracionista.

1.1 METODOLOGIA

Para a execução desse trabalho iremos utilizar pesquisa-ação Segundo Thiollent (2005) “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”p.16. Ainda segundo o autor “Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2005, p.18).

Por sua vez, Fonseca (2002) corrobora que

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (p.34).

Enquadra-se nesta metodologia porque este estudo constou de duas etapas a exploratória e a prática. No primeiro momento observamos os alunos quanto o nível de leitura, como também, verificamos o grau de compreensão do texto a partir das discussões propostas.

No segundo momento elaboramos uma seqüência didática com dez aulas de cinco encontros, com temas polêmicos e atuais a fim de proporcionar uma discussão e um posicionamento crítico dos alunos. Nossa



sequência foi aplicada em três turmas do 8ºano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Severina Alves Barbosa localizada no Município de Aroeiras, com alunos entre 14 e 15 anos de idade .

2 Referencial teórico

2.1 Gêneros textuais e ensino

De acordo com os PCN, “o objetivo do ensino de língua é a consolidação dos conhecimentos do aluno para agir em práticas letradas, o que inclui os diversos gêneros textuais e os diferentes meios nos quais estes circulam” (BRASIL, 1998, p. 33). Assim, os gêneros devem ser abordados em sala de maneira que os alunos possam entendê-los como forma de interagir com o mundo, partindo do que eles já conhecem e ampliando seus referenciais epistemológicos para o que será aprendido, de acordo com a função comunicativa de cada gênero.

A proposta de incluir os gêneros textuais na escola é pautada pelo objetivo de tornar a sala de aula um espaço de leitura, discussão e reflexão sobre a língua e a sociedade, e, assim, tornar a escola um espaço dinâmico e significativo para o aluno. Desse modo, deve-se eleger o texto como o eixo central do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, já que “são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 2000, p. 30).

Para aprender a utilizar a linguagem, é necessário que o sujeito esteja diretamente ligado à sua atividade. Como lembram Schneuwly & Dolz (2004, p. 74), “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes”. Dessa maneira, nota-se a importância de intensificar o contato dos discentes como os gêneros, explorando principalmente os seus aspectos linguísticos.

De acordo com Schneuwly (2004, p. 30), “os gêneros se complexificam e tornam-se instrumentos de construções novas, mais complexas”. Desse modo, é de extrema importância trabalhar com gêneros variados, pois, à medida que eles ficam mais complexos e são abordados em



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sala de aula, o nível de compreensão e de linguagem do alunado tende a acompanhar essa complexidade, aumentando cada vez mais o desenvolvimento na utilização da língua.

Segundo Dolz & Schneuwly (2004, p. 179), “quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e aprendizagem”.

Os gêneros textuais devem ser colocados dentro do contexto de sala de aula e explorados neste âmbito para que os alunos “[...] se tornem capazes não só de reconhecê-los e compreendê-los, mas também de construí-los de modo adequado, em seus variados eventos sociais” (SCHNEUWLY, 2004, p. 21). Porém, essa habilidade só é desenvolvida quando os professores abordam a funcionalidade do gênero em sala de aula.

É importante que os gêneros sejam trabalhados em sala de aula porque “quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregaremos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 285). Destarte, este domínio aumenta de acordo com o constante contato com os gêneros, por meio de leituras e discussões, porquanto não baste apenas o contato com essas formas linguísticas; é imprescindível a exploração de todos os aspectos textuais e linguísticos que os compõem para ter um bom domínio dos gêneros.

Colaborando o ponto de vista supracitado, Soares (2010, p. 92) afirma que

é refletindo sobre como e por que razão um certo gênero é produzido que o aluno se habituará a lê-lo de forma crítica e a produzi-lo de forma mais adequada, quando isso lhe for solicitado. [...] isso só é possível se a escola sair da rotina de identificar características óbvias e explorar estratégias de levantamento e checagem de hipóteses, inferências, comparações, sínteses e extrapolações, dentre outras coisas (SOARES, 2010, p. 92).

Diante do exposto, inferimos que a escola deve incluir e explorar a diversidade de gêneros textuais existentes nas esferas sociais, possibilitando que os alunos percebam, a partir dos vários temas que eles abordam, a função social de cada um.





Para uma abordagem eficaz dos gêneros textuais em sala de aula, é essencial que o professor compreenda que “cada gênero de texto necessita de um ensino adaptado, pois apresenta características distintas” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.101).

2.2 A charge como estratégia de leitura crítica na escola

A charge é um gênero de texto que atrai o leitor por apresentar aspectos diversos do uso da língua, contemplando a linguagem verbal e não verbal, bem como a construção de sentidos.

Segundo Garcia (2005, p. 02),

o uso da língua consiste em significar a relação que se estabelece entre os indivíduos participantes do ato discursivo, utilizando a linguagem verbal e não verbal e construindo sua relação de construção do sentido através dos consensos explícitos, implícitos e pressupostos.

Sendo assim, o uso da língua consiste na utilização de todas as suas formas, não só se materializando na palavra escrita ou falada. Além de agregar todas essas formas de utilização da língua, a charge ainda possui o acréscimo de imagens, as quais que dinamizam o processo de compreensão do texto escrito. Ademais, “é um gênero de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor” (ROMUALDO, 2000,p.05). Desta feita, trata-se de um gênero textual que deve ser inserido nas aulas de português, pois confere abertura para desenvolver o senso crítico e interpretativo dos alunos sobre as questões políticas, sociais e econômicas do nosso país.

Para Sousa (2009, p. 34), “a charge é um gênero do discurso, pois apresenta em sua estrutura certa estabilidade, com características que possuem uma função/objetivo. Entre elas, destacamos: presença do elemento não verbal, ironia, crítica a uma personagem ou fato político e humor”. Levando em conta todos esses aspectos da charge, podemos afirmar que ela possibilita um trabalho de leitura crítica/reflexiva sobre o que acontece no meio social dentro do contexto escolar, pois, em sua própria composição de gênero, já abrange a crítica a um personagem de vida pública.



Diante disto, podem-se promover, dentro de sala de aula, discussões que favoreçam o posicionamento do aluno enquanto leitor crítico, inserido em um contexto sociocomunicativo perante o conteúdo exposto em determinadas charges previamente selecionadas pelo docente.

A charge “[...] é uma forma encontrada pelos chargistas para provocar a conscientização, pois informa, diverte, denuncia e crítica. Por isso, pode ser um recurso discursivo e ideológico, capaz de fazer com que o leitor reflita sobre atos cotidianos e se torne mais consciente da sua realidade” (CHAGAS, 2012, p.27). Dessa forma, ao trabalhá-la em sala de aula, estamos incitando os nossos alunos a se tornarem mais críticos, além de informados sobre o que acontece na sociedade através da leitura desses textos.

Podemos afirmar que a charge é um gênero que trata também de humor. E por abordar este assunto, traz em na sua essência discursos implícitos. De acordo com Sousa (2006, p. 36), “o discurso é a junção de elementos linguísticos e extralinguísticos e é a junção desses elementos que causará o efeito de humor pretendido pelo autor. O componente extralinguístico é o contexto sócio-histórico concomitante à publicação das charges”. Para tanto, o implícito está não no que foi dito através de elementos linguísticos, mas, sim, nos extralinguísticos.

A charge, vista como um gênero discursivo humorístico, apresenta combinação de elementos linguísticos e extralinguísticos para gerar humor. Segundo Possenti (2001, p.11), o humor “[...] é produzido desta junção entre o que está escrito no texto com os elementos que estão fora do que é linguístico, ou seja, o extralinguístico ao qual se refere à situação sócio-histórica em que a charge foi produzida”.

Romualdo (2000, p. 23) elucida que “a charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça”.

As charges são um gênero discursivo que apresenta vários discursos por trás do que não está explícito no texto. É de grande relevância abordá-las em sala de aula, pois “não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam ao leitor” (ROMUALDO, 2000, p. 53).



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“O fato de encontrarmos, em textos veiculados pelo próprio jornal, informações diversas que nos permitam interpretar a charge mostra que esta mantém relações intertextuais com os outros textos jornalísticos” (ROMUALDO, 2000, p. 02). A partir dessa afirmativa, podemos considerar esse gênero como grande ferramenta para ampliar a capacidade linguística e textual dos alunos, visto que ele engloba conteúdos de outros textos.

Retomando a característica do humor presente nas charges, esta tem grande relevância para a produção de sentido, pois “[...] atua como um gatilho provocador. Através de palavras e imagens, permite ao leitor uma interatividade textual, remetendo-o ao conhecimento prévio para que a compreensão do contexto se estabeleça” (GARCIA, 2005, p. 04). Além disso, o mesmo autor salienta que,

no processo de significação e construção do sentido, o humor possibilita o refinamento de ideias e o alargamento da percepção do leitor no aprimoramento de uma visão crítica, expondo os problemas culturais, sociais, raciais, étnicos, as situações estereotipadas e as fraquezas na convivência humana, ironizando e ridicularizando através dos exageros (GARCIA, 2005, p. 04).

Dessa forma, podemos notar que o humor, através do uso de imagens, desperta a atenção do público leitor, pois o recurso imagético é em maior parte responsável pelo humor e, assim, compreende melhor o implícito presente no gênero em questão.

Deve-se abordar o gênero charge em sala de aula, de forma que contemple todas as suas características, principalmente o elemento não verbal. Como dito anteriormente, ele é essencial para a produção de sentido, “pois a opinião é mais vinculada pela imagem caricatural do que pelo uso das palavras” (NASCIMENTO, 2010, p.73).

Abordando a importância da imagem, Melo citado por Nascimento (2010, p. 73), argumenta que “o uso da imagem como instrumento de opinião atende, muitas vezes, ao imperativo de influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura dos gêneros opinativos convencionais: editorial, artigo, crônicas etc.”.

Para Basoli (2006, p. 07), “a importância da análise da imagem e da sua relação com o texto acontece na medida em que se percebe a necessidade de se estudar a mescla de gêneros e a variação





de linguagens no meio jornalístico para a produção de sentido”. Ademais, em um texto com imagens, esta chama de imediato a atenção e, concomitantemente, lê-se o texto verbal.

3. Análise dos dados

3.1 Relato reflexivo das aulas com o gênero charge

As aulas de língua portuguesa foram centradas no trabalho com gênero textual, charge, com o tema norteador violência, dividido em sub-temas violência no trânsito, contra mulher, nos estádios, nas ruas, e exploração do trabalho infantil organizados por encontros, os nossos objetivos foram proporcionar aos alunos o contato direto dentro da escola com esse gênero, como também interagir de forma crítica com os temas abordados.

Nos encontros abordamos tanto a temática dos textos como o gênero, dentro do eixo temático violência, discutimos fatores como causas e conseqüências da violência em nossa sociedade, em relação ao gênero textual exploramos as suas características, aspectos lingüísticos, composicionais, bem como sua funcionalidade.

Os temas trabalhados foram bem pertinentes ao nosso contexto social, pois são temas atuais e que estavam em evidência na mídia, ao começar as abordagens das temáticas e no decorrer das aulas percebemos que trabalhar com conteúdos, que estejam dentro do contexto sociocultural dos alunos, promove uma maior interação, assim como um maior interesse pela aula, os conteúdos foram ministrados de acordo com a sequência didática seguindo o roteiro de discussão.

As leituras coletivas em sala de aula, discussões partilhadas das temáticas, como também do contexto em que os textos estavam inseridos, foram sempre valorizadas em nos encontros, pois “o sentido de um texto também está relacionado ao contexto efetivo em que se dá a interação, à singularidade de seus participantes, às suas demandas, a seus propósitos, aos papéis sociais nos



quais eles se colocam etc. Em suma, pode-se dizer que o sentido é indeterminado, surge como efeito de um trabalho realizado pelos sujeitos” (OCEM, 2008; p.25)

A eficácia da aplicação da sequência foi comprovada através da participação e discussões dos discentes, nas aulas, pois estes interagiam de forma crítica.

4 Considerações

O gênero charge atrai muito o público leitor, não só por sua linguagem acessível a todos os níveis de leitura, mas também por tratar de temas atuais, os quais envolvem política e causas sociais de forma leve e com uma dosagem de humor. Para uma boa compreensão desses textos, que possuem a linguagem verbal e não verbal, é necessário que o leitor preste bastante atenção nas imagens para conseguir inferir sobre o que está sendo abordado.

Dessa forma propiciam uma ampla interação em sala de aula, isto ficou comprovado com a aplicação da sequência didática nas turmas de 8ºano, pois com o trabalho, a partir de temas do cotidiano dos discentes, comprovamos que estes discutiam com maior frequência e ficavam mais atentos ao conteúdo.

O gênero charge é “uma representação crítica do cotidiano que, utilizando uma visão bem humorada ou satírica, transmite uma mensagem de caráter opinativo e através de sua linguagem verbal e não verbal” (NASCIMENTO 2010, p. 77). Logo contribuí para um posicionamento crítico do leitor.

Diante do exposto podemos afirmar que, o trabalho com esse gênero favorece a discussão em sala de aula, bem como contribui para a formação de leitores assíduos e críticos.

5 Referências

CHAGAS, Michele Aparecida. **Charges sob a ótica da semântica e da pragmática**. 2012. Disponível em: <www.cdn.ueg.br/M0N0GRAFIA_MICHELE_APARECIDA_CHAGAS>. Acesso em: 21 jul. 2014.



DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas/PR: Kaygangue, 2008. p. 159-177

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas In: MEUER, J. L.; BORDINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: polifonia e intertextualidade**. Maringá/PR: Eduem, 2000.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. Gêneros discursivos no ensino de leitura e Produção de Textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros Textuais: Reflexões e ensino**

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 (Coleção *As Faces da Linguística Aplicada*).

_____; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: _____. DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 (Coleção *As Faces da Linguística Aplicada*).

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

